

Por André Seffrin
Especial para o Correio da Manhã

O Brasil de Wilson Piran

A Danielian Galeria inaugurou na última semana duas exposições que seguem até 11 de outubro e são uma lição de coisas sobre o Brasil. “Wilson Piran – Estrelas”, curadoria da dupla Marcus de Lontra Costa e Rafael Fortes Peixoto, e “Vicentes – Monteiro: Entre Recife e Paris (1899–1970)”, curadoria de Paulo Bruscky. Comento, abaixo, a mostra com as obras de Piran e logo, nos próximos dias, a de Vicente.

“Estrelas” não deixa de ser um potencializado desdobramento das etiquetas autoadesivas que Wilson Piran produziu nos anos 1970 com nomes de artistas, críticos e escolas, quando questionava o sistema da arte, trabalho que de certa forma o levou depois à série “Constelação”, em que os nomes de artistas, em madeira recortada e colorida com purpurina, esplendiam constelados nas paredes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (a obra pertence à coleção Gilberto Chateaubriand).

Agora são retratos realizados com purpurina sobre tela. Numa “explosão de cores”, a lista de artistas/estrelas agora já não se restringe ao sistema da arte plástica, estende-se a áreas como música, teatro, ciência, política etc. Observam os curadores uma figuração que “instaura, de maneira subliminar, uma atitude de manifestação política onde a purpurina assume posição central”.

Embora poucos tenham se dado conta desse detalhe importante, a obra de Piran sempre manteve um forte vínculo político. Entre os retratados do universo das artes visuais, esta sua nova série traz Tarsila, Portinari, Lygia Clark, Di Cavalcanti, Paiva Brasil, Oscar Niemeyer, a carnavalesca Rosa Magalhães e o colecionador Gilberto Chateaubriand. A curadoria separou quatro deles do conjunto prin-

cipal, os únicos realizados em purpurina P&B – Cartola, Lygia Clark, Grande Otelo e Villa-Lobos. Ao todo, são 36 retratos. Até o momento - porque, como a série “Constelação”, espera-se que “Estrelas” se consolide como obra aberta, isto é, em expansão, e é essa a intenção do artista. As escolhas ficaram, por certo, entre figuras canônicas e de maior popularidade.

Indagações

O espectador pode se indagar o porquê deste ou daquele retratado em lugar de outros tantos mercedores de igual destaque, como na escolha de Pelé e não de Garrincha, de Carlos Drummond de Andrade e não de Cecília Meireles, de Tarsila e não de Djanira, de Juscelino Kubitschek e Darcy Ribeiro e não de Getúlio Vargas ou Lula, por exemplo. Mas essas são e serão indagações capciosas, uma vez que todo artista tem suas prerrogativas e premissas.

Assim Piran nos sugere um país diverso alicerçado em figuras que nos moldaram na certeza e incerteza do que somos. É ainda o Brasil de Carmen Miranda e José Celso Martinez Corrêa, de Glauber Rocha e Leila Diniz, de Rita Lee e Mariele Franco, de Santos Dumont e Bibi Ferreira. Um Brasil por vezes frívolo, apelativo – como o de Chacrinha! –, mesmo assim bem nosso. E o grande mapa do Brasil igualmente multicolorido em purpurina, logo à direita de quem entra no espaço da galeria, é o contraponto que transborda: não custa imaginar, na sua miríade cintilante e distribuição de cores, o nosso povo inteiro ali representado e convidado a brilhar junto, como no carnaval, ao lado de suas estrelas.

Fotos: Divulgação



Machado de Assis



Rita Lee



Cartola



Darcy Ribeiro

Através de retratos realizados com purpurina sobre tela, artista seleciona grandes brasileiros em exposição na Danielian Galeria

SERVIÇO

WILSON PIRAN - ESTRELAS
Danielian Galeria (Rua Major Rubens Vaz, 414, Gávea)
Até 11/10, de segunda a sexta (11h às 19h) e sábados (11h às 17h)
Grátis